

O MISTÉRIO DAS BAIRDIAS

HUMBERTO

de 19/12

FIM DE TARDE. UM BANDO DE CRIANÇAS BRINCA NA CALÇADA, QUANDO O TEMPO COMEÇA A MUDAR. TROVÕES, VENTO FORTE; PRINCÍPIO DE TEMPESTADE. O ÚNICO ABRIGO DISPONÍVEL É UMA VELHA CASA ABANDONADA.



MINO - Acho que não vai dar tempo da gente chegar em casa. Vamos nos esconder ali (Apontando pro casarão).

MENI - Ah, não! Naquela casa eu não entro. É mal-assombrada! Todo mundo diz que de noite enche de fantasma, e que eles fazem um barulhão e vem...

MINO - Ih, Meni, deixa disso, parece bobo. Tu ainda acredita nessas coisas? Vem, vamos entrar numa vez, antes que a chuva pegue a gente aqui.

MENI - Que nada, eu vou é pra minha casa! Se tu quiser entrar aí, tu vai entrar sozinho. Tchau!

OS OUTROS TAMBÉM PREFEREM IR PARA CASA E SAEM CORRENDO DEIXANDO MINO SÓ, EM FRENTE AO CASARÃO.

MINO - Tchau, medrosos! Vão se molhar todos no caminho. Bem feito!

MINO ENTRA NA CASA, CHEIO DE CUIDADOS. ESCURIDÃO QUASE TOTAL. TENTA EXAMINAR O LUGAR, QUANDO COMEÇA A OUVIR UM BARULHO RITMADO, QUE SE REPETE A INTERVALOS IGUAIS.

- Toc... Toc... Toc.

MINO - (Assustado) Que barulho é esse?!

- Toc... Toc... Toc.

MINO - Vem lá de cima! Será que... que essa casa é mal-assombrada mesmo? Ah, que besteira! Isso não existe.

- Toc... Toc... Toc.

MINO - O barulho tá descendo. Acho melhor eu me esconder.

MINO SE ESCONDE E FICA ESPIANDO. UM VULTO DESCE, DE COSTAS, AS ESCADAS DO SOTÃO. LENTAMENTE COMEÇA A SE VIRAR. MINO PODE VER QUE NÃO SE TRATA DE UM SER CONHECIDO É ESTRANHO, MAS NÃO ASSUSTA PELA APARÊNCIA. TRAZ NAS MÃOS UM OBJETO GRANDE. O BARULHO QUE MINO OUVIA, ERA PROVOCADO POR ESSE OBJETO. CADA DEGRAU QUE O SER DESCIA REPOUSAVA O OBJETO NO CHÃO, FAZENDO O TOC RITMADO.

MINO - (Curioso) Que será que é aquilo? Que esquisito! Será que é isso que as pessoas chamam de fantasma? Tem um troço na mão dele. Parece uma batata gigante. Quer saber de uma coisa? Eu acho que ele não é fantasma, coisa nenhuma. Eu vou lá, falar com ele. (Faz menção de sair, mas se arrepende) E se ele for perigoso?



NESSA INDECISÃO, MINO SE DESCUIDA E FAZ UM MOVIMENTO BRUSCO. O SER PRESENTE PRESENÇA DELE.

A



- Tem alguém aí? Se tiver vai saindo.

MINO SE LEVANTA TODO ASSUSTADO.

- Ôi!

MINO - Ôi! Eu entrei aqui por causa do temporal. Posso ficar aqui até a chuva passar?

- Claro. Mas que cara é essa? Parece que viu um fantasma. Pode sair, eu não sou nenhum fantasma.

MINO - E o que é tu?

- Eu sou um Pitarrim.

MINO - Pitarrim?!? Que engraçado. E o que é isso?

PITA - Pitarrim, é uma coisa assim. Que nem eu.

MINO - Ah! É uma coisa assim (Aponta pra si) é um Mino.

PITA - Tudo bom, Mino? (Apertam as mãos. Mino volta a notar o objeto).

MINO - Que é isso que tu tã segurando?

PITA - É uma baipota?

MINO - Que nome estranho. Prã que serve?

PITA - Ora, prã comer. É isso que os Pitarrins comem.

MINO - Eu vi isso antes. Já fui um monte de vezes com a minha mãe no supermercado, mas lã não vende baipota. Onde é que tu comprou essa?

PITA - Baipotás sô nascem em Pitãrris.

MINO - Ih! Que confusão; Pitarrim, baipota, agora essa Pitãrris...

PITA - Eu explico: Pitãrris é o lugar onde moram os Pitarrins e nascem as baipotás que é a comida deles, quer dizer, nossa. Entendeu?

MINO - Quer dizer então, que tu nasceu num lugar chamado Pitãrris?

PITA - Não! Eu nasci aqui, lã no sotão.

MINO - Então, não entendi nada.

PITA - Mas é fácil, escuta. Os pitarrins nascem em qualquer lugar do mundo. Quando eles aprendem a falar e a andar sozinhos, eles ganham um saco bem grande de baipotás. Enquanto eles tem o que comer, ficam pelo mundo, vendo e aprendendo um montão de coisas.

MINO - Mas e o teu pai, a tua mãe, tua avô, teus irmãos, tua tia...

PITA - Calma! O meu pai e a minha mãe já foram faz tempo.

MINO - E tu?

PITA - O pitarrim sô vai prã Pitãrris quando acabam as suas baipotás. É o que eu vou fazer agora. Essa é a minha última baipota, É prã viagem.

MINO - Mas se tu nunca foi lâ. Como é que tu vai saber onde é?

PITA - Não sei. Mas tem uma passagem lâ no sôtão. Eu entro e vou.

MINO - Eu vou contigo.

PITA - (Surpreso) Tu?!

MINO - O que é que tem?

PITA - Nada. Sô que pode ser longe, o caminho pode ser perigoso.

MINO - Eu não tenho medo.

PITA - Tu pode ficar com fome.

MINO - Eu como baipota

PITA - Mas tu vai ter que voltar sozinho. A minha viagem é sô de ida.

MINO - Eu presto bastante atenção no caminho.

PITA - Bom, se tu tã tã decidido assim, vamos embora.

MINO - Ôba! (Se lembra de alguma coisa) Pitarrim, me diz uma coisa; que gosto tem baipota?



PITARRIM CANTA A CANÇÃO DAS BAIPOTAS. TERMINADA A MÚSICA OS DOIS SE DIRIGEM AO SÔ-TÃO.

Que gosto tem baipota?  
Beterraba ou vergamota?  
Me responde, Pitarrim,  
Se a baipota é assim.

É salgada no café  
No almoço doce é  
Azedinha no jantar  
Sô vai saber quem provar

Tem gosto de amendoim?  
Tem gostinho de quindim?  
Me responde Pitarrim  
Se a baipota é assim?

O gosto de baipota  
Na verdade não importa  
A baipota tem o gosto  
De tudo que a gente gosta



MINO E PITARRIM ESTÃO A CAMINHO DE PITARRIS. PASSAM POR ESTRADAS DESCONHECIDAS, LUGARES SEM PAISAGEM. PITARRIM SENTE UMA COISA ESTRANHA NO CORPO.



PITA - Atchim!

MINO - Saúde!

PITA - Que saúde coisa nenhuma. Eu tô é ficando resfriado. Tu não tá sentindo que o ar tá ficando molhado.

MINO - Eu não. A única coisa que eu sinto é que não tem caminho nenhum por aqui. Tu sabe onde nós estamos?

PITA - Não. Atchim! Acho que nós estamos perdidos.

MINO - E não passa ninguém por aqui prá gente perguntar onde é o ca...

SURGE UMA PESSOA CARREGANDO UM FRASCO D'ÁGUA. OS DOIS SE ESCONDEM, E QUANDO ELA PASSA, SEGUEM-NA. ESTA PESSOA ESTÁ VESTIDA EM ESTILO FUTURISTA. BOTAS DE PLÁSTICO COLORIDO, LUVAS DE BORRACHA, PEQUENOS GUARDA-CHUVAS NA CABEÇA. A MEDIDA QUE ELA CAMINHA, VAI CRUZANDO COM OUTRAS PESSOAS VESTIDAS NO MESMO ESTILO. AOS POUCOS VÃO FORMANDO UMA GRANDE CADEIA DE TRABALHO. EXECUTAM TAREFAS COMO ENFILEIRAR FRASCOS COM ÁGUA, EMPACOTÁ-LOS, ROTULÁ-LOS. TUDO CORRE COMO NUMA LINHA DE MONTAGEM MAS S/ AUTOMAÇÃO, DE MANEIRA QUASE COREOGRÁFICA. O ASPECTO INÓSPITO DO INÍCIO, SE TRANSFORMOU AGORA EM UM AMBIENTE ILUMINADO, COLORIDO E BEM MOVIMENTADO. OS DOIS ESTÃO EXTASIADOS COM A VISÃO. PITARRIM TENTA INTERPELAR UM DOS TRABALHADORES QUE SE AFASTA DO GRUPO COM UMA PRANCHETA NA MÃO.

PITA - Hei! Tu sabe me dizer onde fica o caminho prá....

PITARRIM É INTERROMPIDO PELOS GRITOS DE UM HOMEM, QUE ENTRA APRESSADO. É NETUNO. VESTE TECIDOS SOLTOS SOBRE O CORPO, NUM ESTILO CLÁSSICO, CONTRASTANDO COM O DOS TRABALHADORES. SÃO TECIDOS DE CORES CLARAS. BOTAS IGUAIS ÀS DOS DEMAIS.

NETU - O meu tridente! Onde está o meu tridente? Onde será que foi parar esse infeliz?

O TRABALHADOR COM A PRANCHETA SE APROXIMA DELE, NETUNO LÊ RAPIDAMENTE E DEVOLVE. O TRABALHADOR VOLTA AO SEU POSTO.

NETU - Quem foi que mexeu no meu tridente? (Vê Pitarrim e Mino) Vocês aí, por aca so viram onde é que eu deixei o meu tridente?

MINO - Não.... nós... nós acabamos de chegar.

NETU - Ah! Trabalhadores novos, voces precisam as roupas de trabalho.

PITA - (Embaraçado) Não é bem isso. Nós sō estamos de passagem



- NETU - Como? De passagem!?! Vocês não querem trabalhar aqui, com a gente? O trabalho é fácil, divertido, vocês não acham?
- MINO - Prã dizer a verdade, nōs nem sabemos o que se faz aqui.
- NETU - Pois eu mostro prã vocês. Antes de mais nada, o meu nome é Netuno, e é daqui que eu distribuo as águas que vão pro mundo todo. (Vai apontando as diversas fases do trabalho e fala entusiasmado). Dali sai a água que vai pro mar, dali a água que vai pros rios, cachoeiras. Dali a chuva... e, assim por diante Não é uma maravilha?
- MINO - É, parece que sim. Seu Netuno, me diz uma coisa; se a distribuição é assim tão organizada, porque é que em alguns lugares chove tanto, tem tanta inundação e noutros passa tanto tempo sem chover?
- NETU - (Indignado) Isso é que me deixa furioso. Eu mando todas as águas direitinho, bem distribuídas, mas acontece que quando a chuva cai num lugar não tem árvores, a água escorre e vai embora levando a terra e enchendo tudo lodo adiante. E o Hermes me disse que cada vez tem menos árvores e plantinhas pelo mundo, quer dizer, a situação pode piorar.
- PITA - Quem é esse Hermes?
- NETU - O Hermes é o responsável pelas entregas da água. Ele coloca a chuva nas nuvens e sopra elas pros lugares onde elas tem que ir. É meio malucão, mas não erra nunca. Como é, vocês querem ou não querem nos ajudar nesse trabalho?
- PITA - Não é que a gente não queira, é que nōs precisamos chegar logo lã em Pitãrris.
- NETU - Chegar onde?
- MINO - Em Pitãrris, que o pitarrim precisa de baipota, e as baipota do pitarrim é sō lã em Pitãrris que dão...
- PITA - Eu mesmo explico, Mino. Eu estou procurando o caminho de um lugar chamado Pitãrris, onde sabe onde fica?
- NETU - Infelizmente, não. Com eu já expliquei, eu sō distribuo a água. Quem faz as entregas é o Hermes. Mas ele sempre sai por ali (Aponta numa direção).
- PITA - Então, nōs vamos por ali, nē Mino? Seu Netuno, foi um prazer...
- MINO - (Puxando Pita) Espera aĩ, sō um pouquinho, Pitarrim; porque a gente não aproveita este lugar cheio de água, e come um poquinho, hein? Eu tō morrendo de fome!
- PITA - Tem razão, eu também tō com fome. Seu Netuno, serã que o senhor podeia arranjar um pouco de água prã nōs?
- NETU - Mas é claro. (Faz um sinal, e um trabalhador traz um cantil com água) Tomem a melhor água que existe. O que sobrar voces podem levar prã viagem.
- MINO - Muito obrigado, seu Netuno. Olha, quando eu passar por aqui na volta, eu devolvo o cantil e ajudo o senhor a procurar o seu tripente.
- PITA - Não é tripente, é tridente.



NETU - (Se lembrando) O meu tridente! Quem pegou o meu tridente? Tchau, meninos! A-tã outro dia Pitarrim, boa viagem! Achem o meu tridente, rápido!



OS TRABALHADORES SE AGITAM E VÃO SAINDO RÁPIDO, DESFAZENDO A LINHA D'ÁGUA. PITARRIM E MINO SAEM, COMENDO. NETUNO TERMINA DE DESPACHAR OS TRABALHADORES E QUANDO SE VIRA PARA SAIR, APARECE HERMES. MONTADO EM UM VEÍCULO QUALQUER DE DUAS RODAS, ENTRA FAZENDO MUITO BARULHO, FRENÉTICO, DANDO VOLTAS EM TORNO DE NETUNO. ÀS VEZES SE DESEQUILIBRA E QUASE CAI. AS ROUPAS DE HERMES LEMBRAM UM POUCO AS DE UM CARTEIRO. CONSERVAM ALGUMA IDENTIDADE COM O ESTILO DAS ROUPAS DE NETUNO. TEM LUVAS DE CANO LONGO COMO DOS AVIADORES ANTIGOS E TÊNIS DE CANO ALTO COM ASAS NO CANO:

NETU - (Atordoado) Para, Hermes! Cuidado! Chega, para!

HERM - (Parando) Ôi, Netuno! Ai, que loucura!! Não consigo mais andar direito nessas geringonças. No caminho até aqui, levei mais de trinta tombos.

NETU - (Debochando) O grande Hermes, rápido, hágil, esperto e infalível, caindo da sua nave, eu não acredito. Tu tá ficando velho, Hermes.

HERM - Que velho, coisa nenhuma. Tu não vê que eu tô sem o meu capacete?

NETU - (Observando) É mesmo!! Cadê o teu capacete? Eu nunca te vi sem ele.

HERM - Sumiu, desapareceu completamente. E agora eu tô aí, quase louco pra me equilibrar nesse troço.

NETU - Tu precisa tomar mais cuidado com as tuas coisas. Sem o teu capacete, como é que tu vai fazer todas as entregas da minha água. É a mesma coisa que se se eu ficasse sem o meu tridente... o meu tridente...ele também sumiu. Depressa, achem o meu tridente...

HERM - Calma, Netuno! Depois tu procura o teu tridente. Agora presta atenção que eu tenho um recado muito importante da Ceres pra ti.

NETU - Da Ceres, é? Faz um tempão que eu não falo com ela. Como é que ela tá?

HERM - Mal, muito mal.

NETU - Mal?? O que foi que aconteceu com ela? Fala, Hermes, ela tá doente, é isso?

HERM - Ela não, mas a plantação que ela cuida tá. Parece que a tua água não chega por lá há muito tempo. O ar ficou meio estranho, as plantinhas não podem respirar e a terra tá muito fraca.

NETU - Mas eu sempre mando a água pra ela direitinho. Foi tu. Tu é que não entregou a água direito, por causa desse teu capacete, seu desastrado.

HERM - Ôpa, essa não! Eu entreguei tudo certinho, sim senhor. Pus na nuvem, mandei o vento levar até lá, mas parece que alguma coisa não tá deixando as nuvenzinhas chegarem lá.

NETU - Coitadinha da Ceres. Hermes, onde é que fica essa plantação que ela tá cuidando?

HERM - Num lugar de nome estranho, Pitárris.

NETU - Pitárris? Mas esse é o lugar que o Pitarrim tá procurando.

HERM - Quem?

NETU - O Pitarrim, das baipotás... ah! no caminho eu te explico.

HERM - No caminho prá onde?

NETU - Prá Pitárris, ora. Ou tu achas que nós vamos ficar aqui parado com a planta-  
ção da Ceres morrendo de sede. Coitadinha da Ceres. Vamos lá, descobrir o  
que tá acontecendo.



SAEM OS DOIS NO VEÍCULO DO HERMES, MAIS ATRAPALHADOS DO QUE NUNCA.

NUM LUGAR QUALQUER PRÓXIMO A PITÁRRIS. UMA CLAREIRA NO BOSQUE, ONDE A SOMBRA CONVI-  
DA A UM DESCANO. PITARRIM E MINO SENTADOS, COMENDO TRANQUILAMENTE AOS SONS DO MATO.  
SEM QUE ELES PERCEBAM, APROXIMA-SE DELES UMA MULHER QUE APARENTA SER UMA CAMPONESA,  
MAS POSSUI UMA CERTA ALTIVEZ, UMA PRESENÇA FORTE. É CERES. MINO PEGA O CANTIL E BE-  
BE UM GRANDE GOLE DE ÁGUA. COMO QUE ATRAÍDA PELO CANTIL, CERES VAI SE APROXIMANDO A  
TÉ QUE É NOTADA PELOS DOIS, QUE SE ASSUSTAM.

CERE - (Embaraçada) Desculpem, eu não quis assustar vocês.

PITA - Não foi nada, a gente tava distraído.

CERE - O meu nome é Ceres, eu tomo conta de uma plantação aqui perto.

PITA - Eu sou um Pitarrim, ele é o Mino.

CERE - (Cumprimenta os dois, olhando pro cantil) É... água o que tem aí?

MINO - É. A água mais fresquinha que eu já bebi. Foi um senhor chamado Netuno que  
nos deu.

CERE - Água fresca, do Netuno... será que eu... posso tomar um gole?

MINO - Claro. Desculpa (oferece o cantil).

CERES PEGA O CANTIL E TOMA UM GOLE COM CERTA SOLENIDADE.

MINO - (Espantado) Puxa, que sede! Parece que comeu um bacalhau, na panela do min-  
gau, todo cheio de sal, no meio do quintal, olhou prá cima viu um pardal..-

CERE - (Devolvendo o cantil) Obrigada. A água anda meio escassa por aqui. Não chove  
há muito tempo. Nosso rio tá quase seco.

PITA - Puxa que tristeza.

CERE - É muito triste sim. Eu vim prá cá, só prá cuidar dessa plantação e quando e-  
la já estava quase dando fruto, acontece isso. A terra está fraquinha e as  
plantas não conseguem nem crescer, quanto mais dar frutos.



MINO - Que chato! Onde é que fica essa plantação?

CERE - É logo ali, atrás daquele morro.

MINO - E é uma plantação de que?

CERE - De baipota.

PITA - Baipota?! 'Não é possível! Quer dizer... que essa plantação que tã quase morrendo é...das minhas baipotinhas?

MINO - Então, é porque nós chegamos a Pitárris.

CERE - É, é esse mesmo o nome do lugar.

PITARRIM COMPLETAMENTE PETRIFICADO PELA NOTÍCIA.

CERE - O que é que ele tem?

MINO - Nada. Quer dizer, tudo. É que nós viemos até aqui justamente por causa das baipototas. Já era hora do Pitarrim tã em Pitárris.

PITA - (Acordando) E agora, o que é que eu vou fazer?

MINO - Calma, Pita. Nós vamos dar um jeito.

CERE - Não sei como, a coisa tã muito feia. Eu já mandei chamar o Netuno. A minha esperança é que ele descubra o que está acontecendo.

PITA - Mas nós não podemos ficar esperando.

MINO - Ele tem razão, Ceres. Porque nós não vamos até a plantação e tentamos descobrir alguma coisa.

PITA - Quando o Netuno chegar ele pode ajudar. Mas enquanto isso a gente não fica parado.

CERE - Eu acho uma boa idéia. Eu mostro onde ficam as baipoteiras.

PITA - Ceres, lã na cidade, tem muitos assim, como eu?

CERE - Tem sim. E nessa época, quando as baipototas nascem, eles vem todos pro campo prá colheita e se encontram com os pitarrins que voltam.

PITA - Assim como eu?

CERE - Exatamente.

MINO - Gente, vamos dumã vez. Senão a gente não descobre nada, e sem baipota, não tem colheita, chegada nem coisa nenhuma.

PITA - Ih, é mesmo! Ceres, vamos logo. Vem, Mino.

AO MESMO TEMPO EM QUE OS TRÊS SAEM, ENTRAM AS BAIPOTEIRAS. PLANTAS QUASE SECAS. DANÇAM UMA DANÇA TRISTE. A LETRA DA MÚSICA FALA DA AFLIÇÃO PELA FALTA D'ÁGUA. CADA BAIPOTEIRA TRAZ CONSIGO OUTRA PLANTA IGUAL, QUE DEIXARÁ ALI NO LOCAL, QUANDO SAIR, TERMINAR A DANÇA. A MÚSICA ESTÁ NO FIM, AS BAIPOTEIRAS DEIXAM AS RÉPLICAS E SAEM. ENTRAM CERES, PITARRIM E MINO.







PITA - Tã tudo seco! Se não chover logo vai morrer tudo.

CERE - E nunca mais vai nascer nenhuma baipota.

PITA - Como ã que os Pitarrins vã viver?

MINO - Gente, não adianta nada ficar aqui lamentado. Vamos ver se a gente acha algu  
ma pista.

CERE - Eu procuro daquele lado.

PITA - E nã procuramos aqui.

SEPARAM-SE E PROCURAM POR ENTRE AS PLANTAS DEIXADAS Hã POUCO. MINO ACHA UMA PENA.

MINO - (Pro Pita) Olha sã o que eu encontrei. Que pena bonita! Deve ter cada passa-  
rinho bonito por aqui! Vou guardar esta pena prã mim.

PREPARA-SE PRã MOSTRAR A PENA PRã CERES QUANDO ENTRAM HERMES E NETUNO, NO VEÍCULO  
DE HERMES. COMPLETAMENTE ATRAPALHADOS. ESBORRACHAM-SE NO CHãO.

NETU - (Prã Ceres) Ceres, o que ã que tã acontecendo aqui?

CERE - Ainda bem que voces chegaram. Simplesmente não chove. É uma coisa muito es-  
tranha; às vezes o cãu fica pretinho de tanta nuvem carregada e, de repente,  
elas vã embora sem mais nem menos.

NETU - (Embaraçado) Ceres, eu te garanto que mandei todas as chuvas direitinho.

HERM - E eu entreguei. Cada chuva na sua nuvem, senã as nuvens não iam ficar car-  
regadas, como tu mesmo disse,

CERE - Eu sei, eu não tã duvindo. Mas alguma coisa esquisita anda acontecendo aqui.

NETU - O que tu acha que pode ser?

PITA - Nã viemos atã aqui procurar alguma pista, mas não encontramos nada atã ago-  
ra.

HERM - (Espantado com o Pita) Quem ã isso?

NETU - Esse ã o Pitarrim, que eu te falei lã no posto, foi ele que passou por lã  
pouco antes de ti, dizendo que vinha prã Pitãrris. (Aponta pro Mino) e aque-  
le ã o amigo dele. (Apresenta o Hermes) Esse aqui ã o Hermes.

MINO - (Agitando a pena) Ôi, Hermes. Meu nome ã Mino.

HERM - (Surprãso com a pena) De onde tu tirou isso?

MINO - Bonita, nã? Eu achei aqui no meio das plantas. O passarinho que perdeu isso  
deve ser lindo.

HERM - Que passarinho, nada! Essa pena ã do meu capacete!

CERE - É mesmo, eu não tinha reparado na pena, agora que eu tã reconhecendo.

NETU - Entã foi aqui que tu perdeu teu capacete.

HERM - Não. Quando a Ceres me chamou aqui, eu jã estava sem ele.

CERE - Eu me lembro.



- PITA - Então, quem pegou esse tal capacete, passou por aqui há pouco tempo?
- CERE - Será que isso tem alguma coisa a ver com a falta de água?
- HERM - Não sei, mas pode ser. Com esse capacete, qualquer um pode desviar os raios pra onde quiser.
- NETU - E se ele tiver o meu tridente pode fazer a chuva cair em qualquer lugar.
- PITA - Então é isso, alguém roubou o capacete do Hermes e o tridente do Netuno e tá fazendo esse estrago todo aqui.
- MINO - Espera aí um pouquinho, Pita. A gente não pode acusar ninguém sem ter certeza.
- NETU - Mas podemos tentar descobrir.
- CERE - Como? Nós nem sabemos se é isso mesmo que tá acontecendo, se alguém roubou mesmo essas coisas. Pode ser que essa pessoa nem exista.
- HERM - Eu tenho uma idéia. Sem essa pena, o capacete não deve tá funcionando muito bem. Se a pessoa que estiver com ele, tiver que usar o capacete vai perceber qualquer coisa errada, e pode querer vir até aqui atrás da pena.
- PITA - E aí a gente arranca o tridente da mão dele.
- MINO - Tô achando isso tudo muito complicado. A gente nem sabe se essa pessoa existe, se existir como é que nós vamos fazer pra arrancar o tridente dela?
- NETU - São tem um jeito.
- CERE - Qual? Fala, Netuno.
- NETU - Se ele enterrar as pontas do tridente no chão, não consegue tirar mais ele de lá. O tridente enfiado no chão não funciona. E a mão que fizer isso não pode mais desfazer.
- PITA - Nós temos que conseguir isso, temos que enganar essa coisa.
- NETU - Vamos fazer o seguinte: Hermes, tu vai até lá o posto e diz pro meu pessoal mandar uma remessa de chuva pra Pitárris. Coloca ela numa nuvem e sopra até aqui. Quando a nuvem estiver chegando, essa coisa vai tentar desviar ela de novo e vai perceber que tem alguma coisa errada com o capacete.
- CERE - Se ela perceber que tá faltando uma pena, vai voltar aqui pra procurar. Mas e como é que nós vamos fazer pra obrigar ela a enfiar esse garfo no chão?
- NETU - Garfo não, mais respeito com o meu tridente. Deixa isso comigo! Hermes vai ugora, que nós não podemos perder tempo. Daqui há pouco escurece. Eu tenho umas coisas pra combinar com a Ceres e o menino.
- PITA - E eu?
- NETU - Tu é a parte mais importante do meu plano.
- PITA - Óba!!
- NETU - É tu quem vai falar com a coisa.
- PITA - Ai, mãe!
- HERM - Bom, eu já vou indo. (Sai fazendo a habitual confusão)
- CERE - Netuno, o que é que nós temos que fazer?
- NETU - É o seguinte:



NETUNO SUSSURRA O PLANO PROS OUTROS. ENQUANTO ELE FALA VAI ESCURECENDO, PITARRIM PÕE A PENA NA CABEÇA E SENTA-SE JUNTO DE UMA PLANTA, COMO SE FOSSE COMER SEU ÚLTIMO PEDAÇO DE BAIPOTA. OS OUTROS SE ESCONDEM. É MADRUGADA. O VULTO MOVE-SE POR TRÁS DO LUGAR. NAS COSTAS DE PITARRIM MENSAGEIRAS DO SER MISTERIOSO EXECUTAM UMA DANÇA DE ESPREITA A PITARRIM. DISTINGUEM-SE O CAPACETE MALADO DE HERMES NA CABEÇA DO SER E NA SUA MÃO O TRIDENTE DE NETUNO. RESO, O SER, SE APROXIMA DE PITARRIM, ESTE PRESSENTE A PRESENÇA E LEVANTA-SE RAPIDAMENTE ENCARANDO-O. RESO TENTA TRATARLO GENTILMENTE. O DIÁLOGO É SUBLINHADO POR UMA MÚSICA EM BG.



RESO - Que medo é esse, Pitarrim?

PITA - Não é medo. Fica longe, não chega perto de mim.

RESO - Mas eu só quero conversar. Gostei muito dessa pena, será que eu posso tocar?

PITA - Não!

RESO - Pitarrim, eu preciso dessa pena. eu posso até comprar.

PITA - Não vendo, não troco e não empresto tampouco.

RESO - Pitarrim, devolve a pena.

PITA - Não devolvo, não sou louco!

RESO - Eu te dou um presente. Mais um saco de baipotás.

PITA - A comida que eu quizer, eu mesmo posso colher, só preciso que nesta terra volte a chover.

RESO - Mas se nesta terra não chove, o que é que eu posso fazer? Eu preciso dessas nuvens, para o sol esconder.

PITA - Precisa esconder o sol??!!

RESO - Claro, ou melhor, escuro. Tenho os olhos muito fracos, a pele fina e branca, Se o sol me alcançar, com certeza vou morrer.

PITA - Morrer todos aqui vamos, sem baipotás prá comer. Se o sol te queima o corpo, porque não cavas a terra e vais no fundo te esconder.

RESO - Porque preciso de ar!

AS MENSAGEIRAS DE RESO TENTAM CERCAR PITARRIM, QUE SE DEFENDE. REPENTINAMENTE ENTRAM NETUNO, CERES E AS BAIPOTEIRAS E CRIA-SE UM CORRE-CORRE COM RESO TENTANDO ALCANÇAR A PENA NO PITARRIM, E AS BAIPOTEIRAS CONFUNDINDO-O. EM CERTO MOMENTO A PENA CAI DA CABEÇA DE PITARRIM E CRIA-SE GRANDE EXPECTATIVA COM TODOS DE OLHOS FIXOS NA PENA. DE REPENTE, RESO ATIRA-SE COM O TRIDENTE SOBRE ELA, DANDO A IMPRESSÃO DE QUE VAI ALCANÇÁ-LA, NO ENTANTO, NUM GESTO ACROBÁTICO, MIMO ALCANÇA A PENA E RESO CRAVA O TRIDENTE NO CHÃO. TENTA ARRANCÁ-LO À FORÇA QUANDO, RAPIDAMENTE APARECE HERMES E ARRANCA O CAPACETE DA CABEÇA DELE. ELE LARGA O TRIDENTE E TODOS PARAM NA EXPECTATIVA DO QUE PODE ACONTECER.

CERE - Por que é que tu querias matar essa plantaçoão?

RESO - Eu não queria matar plantaçoão nenhuma. Eu sou Reso. Procurei muito tempo um lugar onde eu pudesse viver. Que tivesse pouca luz e fosse úmido. Encontrei um lâ em cima desse morro que fica em volta de Pitárris. O problema é que nessa época do ano o sol é muito forte e eu não suporto o calor. Então eu peguei esse capacete do Hermes prá desviar as nuvens que chegavam até aqui pretinhas de tanta chuva. Mas quando eu colocava elas na frente do sol elas esquentavam tanto que eu tinha que furar elas prá chover e refrescar tudo por isso eu precisava do tridente do Netuno.

CERE - E com isso quase acaba com as baipōtas.

PITA - E com os Pitarrins.

RESO - Eu não quero saber de baipotota nem de Pitarrim. Se não fosse essa droga desse sol eu ficava quieto lâ no meu canto.

MINO - Mas ninguém pode viver sem sol.

RESO - Eu posso, eu preciso.

HERM - Que vida triste!

RESO - É triste mas é minha.

CERE - Aqui tu não pode ficar.

RESO - Mas prá onde é que eu vou. Eu gosto tanto lâ de cima.

PITA - (Tem uma idéia) Já sei. Mino, o sotão onde eu nasci.

MINO - Que é que tem?

PITA - É escuro, e não faz muito calor. Ele pode ficar lâ durante o tempo que fizer muito sol aqui.

MINO - Será.

PITA - Claro! Na época em que o sol aqui não é muito forte, ele pode morar lâ em cima do morro. Na época do sol e das colheitas, quando os pitarrins vem prá cá, ele vai prá lâ.

RESO - (Entusiasmado) Um lugar prá eu ficar, longe do sol e sem precisar abandonar o meu cantinho lâ em cima.

PITA - Exatamente. Leva um saco de baipōtas e fica lâ até chegar o inverno. O Mino pode te levar até a casa, ele vai prá lâ mesmo.

MINO - Ih, não sei não! Esse cara é meio estranho.

RESO - Ah, Mino! Não tem perigo, eu me comporto. Eu quero conhecer esse paraíso.

NETU - Não tem problema, Mino, eu e o Hermes vamos com vocês.

RESO - Eu não acredito. Um lugar longe do sol prá mim.

CERE - Fianlmente vamos poder colher as nossas baipōtas.

RESO - Gente, por favor, daqui há pouco amanhece e a luz... sabe como é...



NETU - Ceres, nōs vamos levar o Reso prã esse tal sōtão. Depois eu volto prã te visitar e ver essa plantação toda florida.

CERE - Tchau, Netuno, obrigada pela ajuda. Hermes, Mino, apareçam prã me ver.

DESPEDEM-SE TODOS. O DIA COMEÇA A AMANHECER.



RESO - A luz, lã vem o sol de novo. Eu preciso me esconder.

HERM - Netuno, olha lã em cima, a nuvem que eu fui buscar, tã chegando agora, ela vai ficar na frente do sol...

COMEÇA A CHOVER. AS BAIPOTEIRAS DANÇAM DE ALEGRIA ENQUANTO VÃO COLOCANDO NAS PLANTAS QUE ESTÃO FIXAS, ADEREÇOS E BAIPOTAS COMO SE RENASCESSEM COM A CHUVA. TODOS CANTAM ENQUANTO RESO COLHE ALGUMAS BAIPOTAS.

Nada prã menos e nada prã mais

Tu estã no lugar

Nada perdido, nada escondido

Tudo se pode encontrar

Terra precisa de água

Fogo precisa de ar

Para a baipōta crescer

Todos precisam cuidar

Nada salgado nem doce demais

Nada molhado nem seco demais

A natureza sabe o que faz

Se ninguém atrapalhar

NETUNO, HERMES, MINO E RESO SE DESPEDEM DE CERES E PITARRIM ENQUANTO SE AFASTAM NA DIREÇÃO DO CAMINHO DE VOLTA.

F I M